

Aide li  
m do João 39

Rubem Braga

19.6.69

## História Triste de Tuim

JOÃO-DE-BARRO é um bicho bôbo que ninguém pega, embora goste de ficar perto da gente; mas de dentro daquela casa de João-de-Barro vinha uma espécie de choro, um chorinho fazendo tuim, tuim, tuim...

A casa estava num galho alto, mas um menino subiu até perto, depois com uma vara de bambu conseguiu tirar a casa sem quebrar e veio baixando até o outro menino apanhar. Dentro, naquele quatinho que fica bem escondido depois do corredor de entrada para o vento não incomodar, havia três filhotes, não de João-de-Barro, mas de tuim.

Você conhece, não? De todos êsses periquitinhos que tem no Brasil, tuim é capaz de ser o menor. Tem bico redondo e rabo curto e é todo verde, mas o macho tem umas penas azuis para enfeitar. Três filhotes, um mais feio que o outro, ainda sem penas, os três chorando. O menino levou-os para casa, inventou comidinhas para êles; um morreu, outro morreu, ficou um.

Geralmente se cria em casa é casal de tuim, especialmente para se apreciar o namorinho dêles. Mas aquêle tuim macho foi criado sozinho e, como se diz na roça, criado no dedo. Passava o dia solto, esvoaçando em volta da casa da fazenda, comendo sementinhas de imbaúba. Se aparecia uma visita fazia-se aquela demonstração: era o menino chegar na varanda e gritar para o arvoredo: tuim, tuim, tuim! As vezes demorava, então a visita achava que aquilo era brincadeira do menino, de repente surgia a ave, vinha certinho pousar no dedo do garoto.

Mas o pai disse: «menino, você está criando muito amor a êsse bicho, quero avisar: tuim é acostumado a viver em bando. Êsse bichinho se acostuma assim, tôda tarde vem procurar sua gaiola para dormir, mas no dia que passar pela fazenda um bando de tuims, adeus. Ou você prende o tuim ou êle vai-se embora com os outros; mesmo êle estando prêso e ouvindo o bando passar, você está arriscado a êle morrer de tristeza».

E o menino vivia de ouvido no ar, com mêdo de ouvir bando de tuim.

Foi de manhã, êle estava catando minhoca para pescar quando viu o bando chegar; não tinha engano: era tuim, tuim, tuim... Todos desceram ali mesmo em mangueiras, mamonas e num bambuzal, divididos em pares. E o seu? Já tinha sumido, estava no meio dêles, logo depois todos sumiram para uma roça de arroz; o menino gritava com o dedinho esticado para o tuim voltar; nada.

Só parou de chorar quando o pai chegou a cavalo, soube da coisa, disse: venha cá». E disse: «o senhor é um homem, estava avisado do que ia acontecer, portanto, não chore mais».

O menino parou de chorar, porque tinha brio, mas como doía seu coração! De repente, olhe o tuim na varanda! Foi uma alegria na casa que foi uma beleza, até o pai confessou que êle também estivera muito infeliz com o sumiço do tuim.

Houve quase um conselho de família, quando acabaram as férias: deixar o tuim, levar o tuim para São Paulo? Voltaram para a cidade com o tuim, o menino tôda hora dando comidinha a êle na viagem. O pai avisou: «aqui na cidade êle não pode andar solto; é um bicho da roça e se perde, o senhor está avisado».

Aquilo encheu de mêdo o coração do menino. Fechava as janelas para soltar o tuim dentro de casa, andava com êle no dedo, êle voava pela sala; a mãe e a irmã não aprovavam, o tuim sujava dentro de casa.

Soltar um pouquinho no quintal não devia ser perigo, desde que ficasse perto; se êle quisesse voar para longe era só chamar, que voltava; mas uma vez não voltou.

De casa em casa, o menino foi indagando pelo tuim: «que é tuim?» perguntavam pessoas ignorantes. «Tuim?» Que ralva! Pedia licença para olhar no quintal de cada casa, perdeu a hora de almoçar e ir para a escola, foi para outra rua, para outra.

Teve uma idéia, foi ao armazém de «seu» Perrota: «tem gaiola para vender?» Disseram que tinha. «Venderam alguma gaiola hoje?» Tinham vendido uma para uma casa ali perto.

Foi lá, chorando, disse ao dono da casa: «se não prenderam o meu tuim então por que o senhor comprou gaiola hoje?»

O homem acabou confessando que tinha aparecido um periquitinho verde sim, de rabo curto, não sabia que chamava tuim. Ofereceu comprar, o filho dêle gostara tanto, ia ficar desapontado quando voltasse da escola e não achasse mais o bichinho. «Não senhor, o tuim é meu, foi criado por mim». Voltou para casa com o tuim no dedo.

Pegou uma tesoura: era triste, era uma judiação, mas era preciso: cortou as asinhas; assim o bicho poderia andar solto no quintal, e nunca mais fugiria.

Depois foi lá dentro fazer uma coisa que estava precisando fazer, e, quando voltou para dar comida a seu tuim, viu só algumas penas verdes e as manchas de sangue no cimento. Subiu num caixote para olhar por cima do muro, e ainda viu o vulto de um gato ruivo que sumia.

Acabou-se a história do tuim.

239